

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 06 - UM QUILOMBO VIVO EM MEIO ÀS PEDRAS

[TRILHA - Música "Na Bahia", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=4ABjof2iXpE&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rsw1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=12

[LOCUÇÃO - KARINA]

É na Bahia, estado onde se concentra a maior população quilombola do Brasil, que as vozes do primeiro quilombo urbano de Vitória da Conquista ecoam, cada vez mais forte, pelos quatro cantos da cidade. Vozes que carregam o legado ancestral e a força coletiva de um grupo que resiste há décadas em um território negro cuja principal referência geográfica é o chamado Beco de Vó Dôla.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Isso mesmo, um beco, aquela típica rua curta e estreita, às vezes sem saída - o que não é o caso aqui - que a gente costuma encontrar principalmente em cidades do interior. Um beco que recebe o nome daquela que é considerada a grande matriarca de uma família que fincou raízes no sertão baiano e se tornou, com o passar do tempo, uma comunidade composta por mais de trezentas mulheres, homens e crianças quilombolas. A Comunidade de Vó Dôla.

[TRILHA - Música "É Céu, É Mar", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=k_gLwdoKq3M&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rsw1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=9

[LOCUÇÃO - KARINA]

O Beco de Dôla é visto como o coração da comunidade, o local onde pulsa a cultura e a memória coletiva dos descendentes de Dona Maria Petronilha dos Santos, que ali se aquilombou com os filhos em meados da década de 1940, quando tudo era praticamente mato na área onde hoje estão localizados os bairros Pedrinhas e Cruzeiro, no alto da Serra do Periperi. O beco está na parte central da grande ladeira que é a Rua das Pedrinhas, no mesmo quarteirão onde funcionava uma antiga capela da Comunidade Eclesial de Base de São Francisco. Aberta em ambas as extremidades, a travessa fica também em frente a um terreno baldio e conta com cerca de 20 casas. O chão é asfaltado com pedras de formatos variados.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Assim que chegamos ao beco e atravessamos o terreno baldio, logo avistamos a esquina de uma casa que ostenta, em sua fachada, uma placa com a imagem de Vó Dôla, juntamente com a frase "Aqui viveu a nossa matriarca". Um claro sinal de reverência e respeito à mulher que fundou a comunidade. Atualmente, o imóvel pertence a uma de suas filhas, a Dona Zita, que assumiu o posto de matriarca da família após a morte da mãe e de outra importante liderança do quilombo, a sua irmã, Fátima, que, por longos anos, foi responsável pelo barracão de candomblé presente nos fundos da casa. Com entrada pela lateral, o chamado Terreiro de Xangô é um espaço sagrado de preservação da religião de matriz africana e abriga ainda uma biblioteca comunitária batizada com o nome de Kilombeco. Foi nesse local que a articuladora cultural Laiz Gonçalves, filha de Mãe Fátima e neta de Vó Dôla, nos recebeu para uma entrevista em uma manhã de sábado.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Funciona aqui mesmo, né? Nesse espaço à biblioteca? **Laiz:** Nesse espaço... **Criança:** Oh Laiz! **Laiz:** Os meus filhos já tão tudo me chamando, tá vendo?! **Afonso:** (Risos) **Criança:** Os meninos falou... **Laiz:** Pode ir, nestante vocês volta de novo... nestante vocês volta de novo.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Aquele era justamente um dos dias de funcionamento da Kilombeco, que atende as crianças do entorno nos finais de semana, quando moradores da comunidade têm disponibilidade para atuar no projeto.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: A gente tá usando esse espaço provisório, né, mas um breve desejo, uma vontade é ter um espaço aonde a gente possa deixar aberto o dia todo. Porque assim, aqui por ser um espaço religioso... **Afonso:** Sim... **Laiz:** ... não é qualquer pessoa que eu posso deixar tomando conta, né, ficar aqui aberto. Aí só abre quando eu ou alguém do terreiro tem disponibilidade de tá aqui no espaço.

[LOCUÇÃO - KARINA]

No dia da entrevista, Laiz usava uma calça legging de cor rosa e uma camisa branca com a logomarca da Kilombeco estampada no peito. Era cerca de 10h da manhã quando chegamos ao terreiro, mas outros netos de Vó Dôla que também iríamos entrevistar ainda não tinham chegado no espaço.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: Oh Leu, o pessoal chegou agora, nós só tá te aguardando, fi. Cota já chegou. Roque tava chegando, só tá faltando tu e Roquinho. Diz ele que chegou 4 horas da manhã. Só acordou porque a mulher acordou porque o celular já tava tocando.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Quem nunca, né? Bem, como ainda aguardávamos a chegada dos outros entrevistados, eu pedi a Laiz que nos levasse para conhecer melhor o Beco de Vó Dôla.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: Tem problema de aguardar um pouquinho, uns 10 minutinhos não, né?
Afonso: Não, não, tranquilo! Se você puder, eu não sei se tem tempo de apresentar um pouco do Beco pra gente conhecer, seria muito bacana. **Laiz:** Vou, vou, com certeza!

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E assim começa a nossa rápida visita.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: Oh, aqui é o espaço do terreiro... **Afonso:** Aham. Eu acho que a gente veio aqui uma vez, não foi? **Victória:** Foi no Novembro Negro de dois mil... **Laiz:** Foram.. Não foi... **Victória:** Aham

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Assim que saímos do terreiro, o segundo espaço que Laiz nos apresenta é o terreno que fica logo na entrada do beco, em frente à casa de Dona Zita e ao Terreiro de Xangô.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: Esse... esse terreno era de vó. Na época das dificuldades ela teve que se desfazer. **Afonso:** Tinha construção? **Laiz:** Tinha uma casa, que era ali na esquina, mas aí depois ela acabou vendendo por conta de questões financeiras, de doença e tal. Ela acabou vendendo, né. Hoje é de outra pessoa. A gente tá hoje na busca com a Prefeitura pela permuta de trocar com os donos, para que esse espaço seja feito o Centro Educacional e Cultural Quilombo de Vó Dola.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Mas os sonhos e desejos da comunidade não param por aí...

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: E assim... a gente tem um desejo de criar uma horta comunitária pra que também desse local saia, né, a questão financeira para a comunidade, né. E além de tudo a gente usa muita erva, muitas folhas no espaço do terreiro. Daí pra nós, era uma vantagem ter uma horta comunitária nesse espaço. **Afonso:** Fica bem em frente. Então assim...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Pelo áudio da gravação, dá pra perceber que a movimentação já era intensa naquela manhã em que visitamos o Beco, né? E as crianças, sobretudo, são quem mais circulam pelo espaço, que acaba sendo um grande centro de encontro, acolhida e convivência entre os diferentes membros da família, como conta Laiz.

[AMBIENTAÇÃO]

E assim, se você olhar todo mundo que mora aqui ou aqui, ou aqui... Bom dia! São descendentes de Vó Dola, são família de Vó Dola, né. Assim, a gente não mora todo mundo aqui. Eu mesmo moro em uma ocupação onde foi as mulheres de Vó Dola que construiu, que ocuparam essa... que fizeram essa ocupação, e acabou que temos gente no Miro Cairo, Boa Vista, Iguá, Pé de Galinha. Então, é um quilombo espalhado, né... É um quilombo que... **Karina:** Por isso até no processo de reconhecimento não daria para ser só aqui... **Laiz:** Por isso o processo de reconhecimento da... da comunidade, dos descendentes, pra não ficar restrito só aqui, porque é um quilombo espalhado.

[LOCUÇÃO - KARINA]

É por isso que a nomenclatura correta, segundo Laiz, é Quilombo de Vó Dôla, oficialmente certificado pela Fundação Palmares desde janeiro de 2024. Já o beco, como dissemos mais atrás, é a principal referência geográfica da comunidade, já que foi o local onde ela surgiu e segue sendo o grande ponto de encontro de toda a família da matriarca.

[AMBIENTAÇÃO]

Laiz: Vó Dôla tem... tem gente em São Paulo. Então... Salvador, Rio de Janeiro. Então, é um quilombo que ele realmente é um quilombo espalhado. Então, não tinha condições de fazer quilombo do Beco de Dôla. A gente hoje já tem.... já é dito,

já é na lei Rua Beco de Dola, porque aqui era a Terceira Travessa das Pedrinhas. Se você perguntasse, ninguém te informava onde é que era a Terceira Travessa das Pedrinhas. Mas se falasse: "Onde é o Beco de Dola?" **Afonso:** Todo mundo. **Laiz:** Até os cachorros se tu perguntar na rua, eles vêm "au au", latindo. E te traz até o local... (Risos)

[LOCUÇÃO - KARINA]

Tamanha é a visibilidade conquistada pelo local ao longo dos últimos anos que muita gente ainda acaba achando que todos os descendentes de Vó Dôla moram no beco ou nas Pedrinhas. Mas, de fato, é impossível falar da rica história dessa comunidade sem destacar o simbolismo e a importância dessa rua e de todo o bairro, na verdade, para a construção de Vitória da Conquista.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Karina: Meu nome é Karina Costa e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Afonso Ribas: Eu sou Afonso Ribas e você está ouvindo a série "Conquista de Quilombos", produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital - Ajor. Episódio 06: Um quilombo vivo em meio às pedras.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Depois de fazermos um rápido tour pelo Beco de Dôla, voltamos ao interior do Terreiro de Xangô, onde gravamos entrevistas com quatro das atuais lideranças do Quilombo de Vó Dôla, todos netos da matriarca: Laiz, filha de Mãe Fátima, além de Betão, Kota e Roque, filhos de Dona Zita. Quando Roque e Betão chegaram, inclusive, já tínhamos iniciado a conversa com Laiz.

[ENTREVISTA - LAIZ]

Afonso: Eu vou começar pedindo pra você se apresentar né? Falar um pouco sobre você, qual o... a função que você ocupa aqui na comunidade, um pouco sobre o seu trabalho pra se apresentar? **Laiz:** Bom dia. Meu nome é Laiz Gonçalves. Sou articuladora cultural e social do Quilombo de Vó Dôla. Estou coordenadora da Kilombeco, vice-presidente do Conselho de Igualdade Racial de Vitória da Conquista e coordenadora da CUFA, Central Única das Favelas aqui em Vitória da Conquista também. **Afonso:** Maravilha. Laiz, cê pode me... nos explicar, descrever um pouco de, do lugar onde a gente tá aqui agora fazendo essa entrevista, como a gente tá gravando em áudio, é pra podcast, se você pudesse descrever um pouco

do ambiente onde a gente tá... **Laiz:** Oh, a gente está no espaço do Terreiro de Xangô, aqui nas Pedrinhas. É um espaço onde... é um espaço de, de religião, né? O nosso espaço de culto religioso, né? Onde estão pintadas as paredes de branco e vermelho em simbolismo ao Pai Xangô né? Que é a cor do orixá que reina nessa casa né? O terreiro que era da nossa saudosa Mãe Fátima, que nos deixou é... há cinco anos atrás, né? No dia 18 do 11 de 2018, né, aos sessenta anos, muito jovem né? Sou filha biológica de Mãe Fátima, e Makota do terreiro de Xangô também. **Afonso:** Makota? **Laiz:** Makota. É que no, no Ketu é Ked, e na Angola é Makota. É tipo uma mãe, de terreiro.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Laiz é hoje uma das principais lideranças quilombolas do interior baiano. Foi ela que intermediou nossa visita ao Beco de Dôla e nos contou a história em torno do surgimento do quilombo que recebe o nome de sua avó. Uma história que vem sendo difundida geração após geração entre os membros da comunidade, além de já ter sido objeto de estudo em pesquisas realizadas por pessoas como os professores Flávio Passos e Washington Nascimento.

[ENTREVISTA - LAIZ]

É, no ano de 1940, Vó Dôla sai da comuni, do Campo Formoso, para povoar as Pedrinhas. É... grávida, né, da minha mãe, com cinco filhos, e grávida da minha mãe. Aonde ela sai de lá, junto com elas e vem povoar a comunidade de Pedrinhas. Aonde elas construíram, né, uma casa de taipo com enchimento. É, assim, eu não lembro porque eu não sou, né, da época, mas assim, pelas histórias que elas contaram, as mães mais velhas contavam, a minha mãe contava, conseguiu, construiu e ela não sabia que estava grávida da minha mãe. Ela veio de lá pra cá, ela era parteira e benzedeira, tinha as dúvidas mas não tinha confirmado a gravidez. Aí veio com esse... com os filhos e meu avô, meu avô trouxe ela, né? Colocou aqui dizendo a ela que iria vender algum pedacinho de terra que eles tinham, uma escola em Itambé, e voltaria. Meu avô voltou depois de dez anos, né? A gente tem essa problemática de, das mulheres ser mulheres... mães solas, e vó tinha 32 anos na época, né? Ela, ela teve a minha mãe. Com dez anos que ele retornou e ele perguntou: "De quem é essa menina?" Com a minha mãe porque ele não, nem sabia que ela estava grávida. Ele falou: "Não, é sua". Aí também desse tempo pra cá ela não procurou... não casou mais, né? Vó Dôla aos 32 anos, se separou, morreu com 83 anos sem conhecer outro homem, né? E meu avô, quando ela faleceu, ficou viúvo, porque assim... ela casou com ele com 13 anos de idade. Aos 16 anos Vó Dôla já tinha dois filhos, né? Que era tia Lurdes, que já faleceu também, e tia Zita, que é a matriarca da casa da frente. Aonde ela e outras mulheres daqui da comunidade, como Vó Marcela, né? É... Dona Duca, Dona Arcanja, né, e outras e outras mulheres, Mãe Vitória de Petu, e outras e outras mulheres começaram a construir, a povoar o bairro de Pedrinhas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Toda a história do Quilombo de Vó Dôla e do próprio bairro das Pedrinhas gira em torno de lideranças femininas. Nos relatos sobre a ocupação desse território, sempre prevalece o protagonismo de mulheres negras que buscavam um espaço para cuidar dos filhos e da família, e também para trabalhar. Em sua pesquisa de mestrado, o professor Flávio Passos conseguiu identificar a existência de ao menos 20 mulheres que, junto com Vó Dôla, se destacaram entre os primeiros moradores da localidade.

[ENTREVISTA - LAIZ]

Começaram essas mulheres trabalhando, quebrando pedra, por isso o nome Pedrinhas, né? Vem dessas mulheres, de tirar pedra da Serra do Periperi e quebrar como brita pras grandes construtoras que aqui em Conquista não tinha. E a colheita de café em Barra do Choça, pega de, de lenha na, na, na serra do Periperi, pegar água no Poço Escuro pras grandes casas, os grandes hotéis e pra feiras livres de conquistas, aonde no sábado à tarde elas pegavam água pra lavar, né? Os açougue, o, os aqueles, parte do, da, da feira aqui do mercadão, pra que na segunda-feira estivesse tudo limpo. E aí eles faziam esse trabalho, elas faziam esse trabalho em troca né? De carne, verdura, de mantimentos pra que nós pudesse comer, né? E trabalhava também como lavadeira. Vó foi muitos anos, tanto ela como as filhas, lavaram roupa de ganho, né? Pros grandes hotéis aqui de Conquista e pras casas também dos grandes senhores de Vitória da Conquista, né. Aonde ela conseguiu que a minha mãe estudasse. Antigamente, o, o sexto ano... a sexta série era uma formatura, né? E minha mãe conseguiu trabalhar, passar no concurso do Estado e trabalhou 34 anos é... pelo Estado, no Hospital de Base. A única né daqui da, das filhas, desses seis filhos de Vó Dôla que conseguiu trabalhar com carteira assinada.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Naquela segunda metade do século 20, Conquista vivia um dos seus períodos de maior expansão demográfica e econômica. Sua população passou de cerca de 7600 habitantes, em 1940, para mais de 83 mil, em 1970. Vinte anos depois, na década de 90, ao menos 180 mil pessoas já viviam no município. E a principal divisão geográfica que separava e ainda separa a cidade entre os lados leste e oeste, a partir da Avenida Rio-Bahia, deu lugar a uma nova configuração do espaço urbano onde a segregação racial na formação dos bairros passou a ser mais evidente com a ocupação dos morros, principalmente por pessoas negras. Com pouco investimento em infraestrutura, esses territórios, a exemplo da Serra do Periperi, foram ocupados em um contexto de intensa migração rural, dando origem a bairros

como Cruzeiro, Panorama, Nossa Senhora Aparecida, Bruno Bacelar e, claro, o Pedrinhas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Algo que atraiu muita gente para a localidade foi a sua proximidade com o Poço Escuro, onde fica a nascente do Rio Verruga, fonte de água para a população conquistense. Além disso, as pedras de concreto da Serra do Periperi representaram um outro atrativo para os antigos moradores. Afinal, com a cidade em pleno crescimento, água e materiais para a construção civil eram necessidades fundamentais para a elite econômica local e uma oportunidade de renda para a população negra e periférica. E é por isso que famílias quilombolas como a de Vó Dôla foram essenciais para o desenvolvimento desta que hoje é a terceira maior cidade da Bahia. Ao se fixar na Serra do Periperi, já sem a presença do marido, a matriarca começa a organizar a vida das filhas e filhos justamente em torno de diversos trabalhos braçais e insalubres como o carregamento de água e de pedras. E a partir disso, ia adquirindo pequenos lotes de terra que, com o tempo, foram sendo passados para os seus descendentes.

[ENTREVISTA - LAIZ]

Laiz: E assim Vó Dôla veio com esses filhos, né? Povoou o bairro Pedrinhas, em 1940, e acaba ali, tanto ela como as outras, as minhas mais velhas, começa povoando e começa a construir Pedrinhas, e a construir também Vitória da Conquista, porque foi através da mão dessas mulheres com a quebra da pedra pra brita que construiu realmente, né, a, a cidade. Aonde elas contavam que vendiam as latas de pedra. E quando ia ver vendia é... caçambas de pedra quebrada, né? E a gente sabia que era um trabalho escravo, que se você for olhar hoje, o que elas falava que era cinquenta centavo uma lata de pedra. Gente, o, o trabalho que você quebrava, né? As pedras igual eu... cheguei a alcançar que a gente tinha um pé de canjão nesse quinto daqui, onde esse... que cê via ali debaixo de sol e chuva elas com... era feito com a borracha de pneu, aí segurava e botava a pedra dentro pra aquilo não voar né, e o perigo né? Que a gente já viu pessoas que caiu aqueles pedacinho de pedra no olho, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Em sua dissertação de mestrado, o professor Flávio Passos descreve o Pedrinhas como (abre aspas), "o bairro negro que 'carregou Vitória da Conquista nas costas' durante décadas. Um local que guardava consigo a imagem de uma grande pedreira, sem patrão, sem garantias trabalhistas, sem associação ou cooperativa" (fecha aspas). As lembranças desse tempo também permanecem vivas na memória de outro neto de Vó Dôla, o artista, mestre de capoeira e educador social

Arquimedes Gonçalves Santos. Mas ninguém o chama assim. Todos o conhecem como Betão. Segundo ele...

[ENTREVISTA - BETÃO]

Betão: A cidade deve muito a esse beco aqui, porque foi daqui que saiu as pedras que foram construídas várias casas aí debaixo. É de nossas mãos aqui, oh, arrancando, quebrando. Os caminhões subiam aqui. Não tinha brita. Eles vinham pegar era aqui, pedra quebrada na marreta. A gente fazia, a gente quebrava aqui, oh, fazia aquelas montanhas de pedra, chegava caminhão medindo as latas e jogando, descia, daqui a pouco vinha outro. **Laiz:** E barato, né Betão?! **Betão:** E barato. A maioria dessas construções aqui, oh, é de pedra daqui de cima, que nós quebramos. **Afonso:** E você foi uma dessas pessoas? **Betão:** E eu fui uma dessas pessoas. **Laiz:** É porque ele é o neto mais velho de Vó Dôla. **Betão:** Eu rancava as pedras, né, com um cavadorzinho, ficava que nem um tatu, a terra aqui era uma terra bem preta e as pedras eram umas pedras bem clarinhas. Aí minha avó pegava.. pegou uma peça de madeira, botava uma borracha aqui ao redor e enchia de pedra aqui e quebrava. Aí empurrava. Aí quando tava já bem altinho, em cima de outra pedra grande, quando já tava com um montinho já maior tirava, botava pra lá, já media as latas e já ia jogando. Se o cara viesse: "Eu quero 50 latas". A gente falava: "Aquele montinho tem 50". "Quero 30". "Aquele dali tem 30". A pedra... A construção desse Centro quase toda saiu daqui oh. **Betão:** A Prefeitura deve muito a gente aqui. Eles.. Era, era para cada prefeito que entrasse lá falar assim: "Olha, a gente tem que ter um olhar diferente para aquele bairro ali, porque aquela população ali trabalhou para ajudar na construção de Conquista". **Laiz:** E água? Que não tinha água encanada. **Betão:** A gente pegava água para vender, a gente pegava no Poço Escuro nem escada tinha. Quando chovia a gente não conseguia pegar água. Era de lá que saía água para a cidade todinha. A gente vendia as latas de água nas casas. A gente ia lavar roupa, lavava lá em frente, em frente ao poço. Ali tinha um gramado. Tinha um tal de quarar, que hoje não existe mais. Minha avó lavava as roupas, esfregava com sabão, estendia essa roupa cheia de sabão, e depois a gente descia pra pegar água lá do poço. Era escada de terra. **Betão:** Então, assim era uma época... foi uma época que a gente aprendeu muito.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Alto e bastante corpulento, Betão é dono de um carisma contagiante e de uma voz que, quando canta, revela o seu dom para a música. Hoje em dia, é da educação e da arte que obtém o seu sustento, mantendo sempre vivo o orgulho do seu lugar de origem.

[TRILHA - Trecho de Live de Betão e Banda]

<https://www.youtube.com/watch?v=f6N2RX6frV8&t=718s> (12'35")

[ENTREVISTA - BETÃO]

Eu já cheguei em cidades pra cantar e o cara falou o.. assim, assim... "lá de Salvador". Eu falei: "Nada disso. Vitória da Conquista. E outra: bairro Pedrinhas, Beco de Dôla". "Oh, desculpa aí, o pessoal é do interior". "Isso mesmo". Empresário: "Não, você não pode falar". Eu vou esconder minha origem por quê? Eu vou esconder minha raiz por quê? Eu vim de lá, se tu quiser que eu fique na tua banda, vai ser desse jeito. Ou eu falo que é de Conquista ou eu então eu não toco, eu não sou de Salvador.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A determinação de Betão em exaltar suas raízes é também uma forma de combater preconceitos existentes contra o Pedrinhas. Com o passar do tempo, principalmente a partir da década de 1990, o estigma da violência associado à formação de gangues e ao tráfico de drogas na localidade, acabou se sobrepondo, no imaginário coletivo, à grande riqueza cultural e ancestral presente no bairro. E claro que o racismo também contribuiu para isso, né, além das tentativas muitas vezes institucionalizadas de embranquecer a cidade. São desafios como esses que, aos poucos, vêm sendo superados pelos moradores nesses últimos anos.

[ENTREVISTA - BETÃO]

Mas todo mundo que era das Pedrinhas era bandido, era ladrão. Aí inventaram Travessa do Cruzeiro, Travessa Afonso Pena, e depois quando eles iam ver lá não tinha nada desse bairro não. Pedrinhas, né?! É. Ah, tá bom. Pode deixar aqui que a gente vai ver e qualquer coisa a gente liga pra vocês. Ou então: ou você passa aqui tal dia pra ver se vai dar certo. Um emprego, por exemplo. Eu tive uma menina... uma colega que morava aqui que, ela... ela foi selecionada num... num emprego numa loja. Na entrevista foi bem e tal, falava bem. E aí ficou praticamente certo, quando a menina voltou, não ficou com ela porque ela era das Pedrinhas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Segundo Betão, com a visibilidade alcançada pela comunidade nos últimos anos, sobretudo pelo Beco de Dôla em si, o preconceito enfrentado pela comunidade vem diminuindo, ainda que há passos lentos. E quando a família da matriarca se depara com o racismo, o que, infelizmente, ainda acontece, ninguém se cala. Esse, inclusive, é o lema da sua irmã, a cantora e líder quilombola Edineide Gonçalves dos Santos, mais conhecida como Kota.

[ENTREVISTA - BETÃO]

Kota: Sou preta e não me calo! Não adianta preconceito comigo porque eu joga nas redes social, eu vou pra televisão, eu apronto o sete. Então é melhor deixar eu quieta.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E foi exatamente isso que não só Kota, mas também Betão, Laiz e toda a família de Vó Dôla fizeram quando a comunidade foi alvo de um episódio escancarado de racismo religioso, ocorrido em outubro de 2023, durante uma festa do Dia das Crianças promovida pela Biblioteca Comunitária Kilombeco.

[ILUSTRAÇÃO 1 - UP FM]

Locutor: E tudo ocorria tranquilamente até o evento ser interrompido por um caso de intolerância religiosa. Segundo informações preliminares, um grupo de fiéis de uma igreja evangélica localizada nas Pedrinhas teria ido ao local e, segundo eles, abre aspas, "foram lá para expulsar o satanás", fecha aspas, afirmando que apenas Deus poderia trazer a salvação. Ainda conforme o relato, o líder desse grupo, de posse de um microfone e de uma caixa de som, teria exigido a apresentação de um alvará para a realização da festa. A Polícia Militar foi chamada, mas os fiéis foram embora antes da presença das autoridades.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A denúncia foi levada não só às autoridades competentes, mas também aos meios de comunicação locais, expondo o crime cometido pelo grupo fundamentalista. Além disso, membros do Quilombo de Vó Dôla realizaram um protesto contra o ato de intolerância em frente ao Distrito Integrado de Segurança Pública de Vitória da Conquista, o DISEP. O áudio a seguir é um trecho da fala feita pela articuladora cultural Laiz Gonçalves durante a manifestação.

[ILUSTRAÇÃO 2 - Vídeo de Laiz em protesto contra racismo religioso]

Sabemos que somos a carne mais barata do mercado, mas a gente tem que parar com isso. A gente... Somos seres humanos. A gente que construiu o Brasil. O Brasil tem uma dívida enorme com nós, povos quilombolas, povos de comunidade tradicional. E aqui fica a minha indignação. E eu quero sim solução. E a gente não vai deixar por isso mesmo. Eles vão ter que nos respeitar. Eles vão ter que ter a consciência de que chegamos ali primeiro. A gente não tá disputando espaço. A gente só quer ter direito no espaço que é nosso. A maioria das pessoas que moram no Beco de Dôla são familiares de Vó Dôla. São comunidades, né, que moram naquele espaço.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Para Laiz, lutar por esse espaço é também uma forma de garantir que as futuras gerações da comunidade, o que inclui a sua sobrinha, Lara, por exemplo, vivam em um mundo com menos opressão e mais justiça social.

[ENTREVISTA - BETÃO]

Laiz: Eu, em 2006, eu desisti do, do Ademário Pinheiro por conta disso. De ser... "Vixe..." As meninas: "Oh, as neguinhas do beco". "Oh, hoje elas não veio porque hoje tem macumba". Chegar paramentada na escola porque tava de função e ninguém querer sentar de junto porque você tava com... macumbada com o diabo. E eu desisti da escola. E hoje eu falo com Lara o tempo todinho: "Lara, eu vou brigar por vocês até o último dia da minha vida. Eu não quero que vocês desistam nunca por conta desse preconceito. Vão ter que nos engolir, vão ter que nos engolir, seja com água, seja com o.. do jeito que for".

[LOCUÇÃO - KARINA]

Alvo de racismo e intolerância por parte de cristãos fundamentalistas, a religiosidade enraizada em matrizes africanas, sobretudo o candomblé de nação angola, integra o maior patrimônio imaterial, simbólico e cultural do Quilombo de Vó Dôla. Em sua pesquisa de mestrado, o professor Flávio Passos explica que a religião está no centro das relações e dinâmicas estabelecidas pela comunidade e sustenta sua configuração enquanto um grupo étnico. Uma característica marcante do quilombo, inclusive, é a grande proximidade da residência onde vive a principal liderança da família com o lugar de realização das festas e cultos religiosos. Como vimos mais atrás, a casa onde mora Dona Zita, filha de Vó Dôla e atual matriarca, é literalmente colada no Terreiro de Xangô. E essa posição de liderança ocupada tanto por elas quanto por Mãe Fátima, que chefiava o barracão de candomblé, vem muito do fato de serem elas as pessoas que mantinham diálogo direto com os orixás e caboclos do terreiro.

[TRILHA - Música "Seu Marinheiro É o Quê, É o Quê", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=QPAkDA7lwYw&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rsw1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=3

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A principal entidade do Terreiro de Xangô é o marujo Seu Martim Parangolá, também chamado de Seu Martim Pescador. Em sua dissertação de mestrado sobre o Beco de Dôla, o professor Flávio Passos conta que o vínculo estabelecido entre o caboclo e os filhos do terreiro tem como base a afetividade. Segundo o pesquisador,

é ao mesmo tempo uma relação de irmão mais velho, de pai, de conselheiro, de amigo, de animador e de figura responsável pelo grupo. Ficava horas incorporado em Mãe Fátima, dando conselhos, fazendo perguntas ou mesmo ouvindo as angústias apresentadas pelos filhos. É com grande respeito e admiração que os netos de Vó Dôla se referem a ele, como fica evidente no depoimento de Kota, durante a entrevista concedida pela artista ao Conquista Repórter.

[ENTREVISTA - KOTA]

Ele sempre foi... quilombo, sabe. Ele sempre foi... não só beco, ele sempre foi comunidade. Ele sempre foi comunicação, sabe. Foi de lá que veio música, foi de lá que veio compreensão, foi dele que veio coração, sabedoria, dons, inteligências e cargos. Foi deste marujo. E também ele sempre nos sentou, ele sempre nos aconselhou. Tinha hora que a gente chegava nervoso, desesperado com algum problema, ele solucionava. Ele sentava: "Meu filho não é assim. É assim, vocês têm que fazer assim, assim, assim e assim. E era o sonho dele uma biblioteca comunitária. Era o sonho dele resgatar crianças de rua pra trazer aqui para dentro. Ele criou, ela minha tia criou vários e vários meninos, criança, sabe, deu oportunidade. Então, assim, o que ele podia resgatar pra aqui, ele resgatava pra aqui. O que ele não podia resgatar para aqui, ele soltava não mão da mãe delas. E ela tinha que cuidar ela tinha que dar conta. Também sempre gostou muito que a gente estudasse. Sempre falava: "gente, estuda!" Do mesmo jeito que o marujo falava: "meus filhos, estude! É só o que você vai ter no mundo. É o estudo. Tudo vai melhorar se vocês ter educação. Se vocês não ter, não vai adiantar". Então, é um legado que ele deixou pra nós, sabe, e que eu como pessoa, como cargo também dessa casa, como comunidade, não queria deixar morrer.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Uma das maneiras pelas quais esse legado permanece vivo são os vários projetos culturais e socioeducativos desenvolvidos no Quilombo de Vó Dôla, como a Kilombeco, o coro Vozes do Beco e o grupo de samba de roda Negras do Beco. Esse último é coordenado por Kota e foi um dos primeiros a serem formados na comunidade, em 2013.

[ENTREVISTA - KOTA]

Porque mainha é sambadeira, minha vó era sambadeira, minha tia era sambadeira e aí nós também é todo mundo sambador, né. Que é o que nós mais gosta de fazer, sinceramente, é sambar. Nós articulamos o grupo. "Vamo fazer o grupo, porque se tá funcionando no terreiro, vai funcionar lá fora". E aí nós reunimos entre nós, o Marujo dessa casa aqui, que era da mameta de Laiz, minha tia Fátima, né. Sentava com a gente e investiu, conversou muito. "Gente, se vocês faz aqui, lá fora vocês vão ser reconhecidos. Então, faça o trabalho de vocês, que ele sempre... o Marujo

dessa casa sempre foi muito assim... ele foi muito projeto sabe. Ele pensou muito na comunidade, ele pensou muito na família, como família, né? Ele resgatou vários e vários dessa família que tava tentando se perder no mundo. E aí assim, nós nos formamos o grupo de samba de roda aqui dentro desse barracão.

[TRILHA - Música "Eu vim aqui sambar", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=berAW1UX1Lw&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rsw1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=1

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Sabe essa música que você tá ouvindo? Assim como algumas outras que já passaram pela trilha sonora deste episódio? Bem, elas foram gentilmente cedidas para usarmos neste podcast e fazem parte de outro projeto do Quilombo de Vó Dôla criado a partir de um desejo do marujo Seu Martim Parangolá: reunir, em um álbum, músicas de sua autoria como uma forma de difundir e preservar a cultura e o legado ancestral presente na comunidade. Foi daí que nasceu o grupo Vozes do Beco, que lançou, no dia 2 de fevereiro de 2024, o trabalho musical intitulado "General Marinheiro", que também homenageia essa entidade tão importante para a família de Vó Dôla. Em sua última vida, Seu Martim foi alguém que trabalhava no mar como capitão e navegador, daí o título do álbum.

[TRILHA - Música "Seu Marinheiro Por Aqui Passou", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=WjhCL-aG6vo&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rs w1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=2

[LOCUÇÃO - KARINA]

Olha, e a lista de projetos criados a partir de conselhos e orientações do Marujo Seu Martim não para por aí, viu? A banda Marujada Mirim é outro grupo artístico do Quilombo de Vó Dôla que ajuda a manter vivo um legado da comunidade que também entrou para a história de Vitória da Conquista: as antigas batucadas que marcaram o carnaval de rua na cidade durante a segunda metade do século passado. O maior expoente dessa tradição na comunidade, atualmente, é o percussionista Roque Gonçalves dos Santos, filho de Dona Zita e neto de Vó Dôla. Aprendeu a tocar sozinho, ainda na infância, e hoje ensina o que sabe a dezenas de outras crianças e adolescentes.

[ENTREVISTA - ROQUE]

Eu chegava em casa da escola, pegava os baldes de mainha, as latas, aí pegava as colheres. Começava a tocar, fazendo muito barulho. Mainha enlouquecia. "Menino, pelo amor de Deus, você vai quebrar minhas coisas". Só via lata morgada, panela morgada e eu brincando, fui brincando. Aí nessa brincadeira, eu escutei... foi... A primeira música que eu ouvi foi do Ilê Aiyê. Escutei o Ilê Aiyê, aí através do Ilê Aiyê eu me apaixonei pela percussão

[LOCUÇÃO - KARINA]

Da sua paixão pelos instrumentos de percussão, nasceu primeiro a banda Marujada, que chegou a fazer vários shows e participações em festas populares até que suas atividades foram encerradas após a saída de um integrante que era primo de Roque e seu principal parceiro no projeto. Nessa época, o instrumentista pensou em desistir da música. Mas aí...

[ENTREVISTA - ROQUE]

Aí depois eu parei e pensei: "vou desistir". Aí meu pai marujo me chamou, me reclamou e falou: "Filho meu não desiste não. O senhor vai continuar trabalhando com a banda, o senhor vai montar outro grupo". Eu falei: "Oh meu pai, mas eu não quero não". Porque a gente desanima, né. Parece que vem um trem pra desanimar, mas sempre tem alguém pra lhe botar pra cima. Enem agradeço muito ao meu pai marujo. Aí ele chegou pra mim e falou: "Oh meu filho, faz assim: trabalha com as crianças. Você pode trabalhar com as crianças pra mim? Você me faça essa promessa, trabalha com as crianças pra mim". Aí olhou... olhei e falei: "Tudo bem, eu vou... de hoje em diante eu vou trabalhar com as crianças, mas não quero nem meia com banda, até hoje, gente me liga: "Roque, vumbora fazer um cachê comigo em tal lugar?" Eu falo: "Não quero não, dispenso". Mas dispensar minhas crianças de jeito nenhum. Hoje eu tenho orgulho de dar aula para as crianças daqui do beco.

[TRILHA - Música "Maru, Marujada", do álbum General Marinheiro]

https://www.youtube.com/watch?v=TdupBLZ4neQ&list=OLAK5uy_kARZsqGZQIO7rsw1-OjRDdBrpV3mzy2gU&index=12

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ao todo, mais de 40 crianças fazem parte da Marujada Mirim. Além de se apresentar em diversos espaços da cidade, a banda se tornou uma das principais ações desenvolvidas no âmbito da Kilombeco, que surgiu em 2020, durante a pandemia da covid-19. Juntando o público de todas as atividades promovidas pela biblioteca comunitária, o número de crianças e adolescentes atendidos pelo projeto chega a cerca de 80. Os educandos têm acesso a rodas de leitura, aulas de capoeira, dança-afro e samba de roda, além da oportunidade, claro, de integrar a

Marujada Mirim.

[ENTREVISTA - ROQUE]

Laiz: A gente precisa entender que criança... lugar de criança é na escola, na educação, no esporte, na cultura, é isso que a gente precisa resgatar esses meninos.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Aqui de volta, a articuladora cultural e coordenadora da Kilombeco, Laiz Gonçalves.

[ENTREVISTA - ROQUE]

Laiz: Porque assim eu acho que o futuro da nossa nação é essas crianças. O futuro da comunidade é essas crianças, a nova geração que tá vindo. Se a gente consegue tirar daqui doutores, né, a gente vai transformar muito a vida não só da comunidade, não só da questão da violência, não só da questão da pobreza, mas também a vida de... Quando eu assisto esses jornais, que eu vejo assim: "O filho de tal comunidade"... Meninos que igual esses é... jogadores, é.. outros... Betão, outras pessoas que falam assim: "Eu vi daquela ali". Mostrar sim que você veio daquela localidade. Eu falo assim: essa transformação não é pra ninguém deixar as Pedrinhas. Não, é pra essa transformação vir, viés do bom para as Pedrinhas. Que saiu: "Doutor não sei quem mora nas Pedrinhas, doutora não sei quem mora nas Pedrinhas", né. E tirar essa imagem que era um lugar de violência, um lugar onde o sangue negro, onde a carne preta é a carne mais pobre e a carne mais é... mais barata do mercado.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Hoje, me parece que Laiz e seus primos fazem pelas crianças das Pedrinhas e bairros adjacentes um pouco, ou talvez muito daquilo que um dia sua avó fez por eles.

[ENTREVISTA - LAIZ]

Vó Dôla era daquela avó de ir levar na escola, de buscar, de fazer a comida, de dar o lanche na hora certa, de pentear o cabelo, Né? Assim, eu lembro... Esses dias eu tava contando pos meninos uma, uma coisa que aconteceu comigo. Eu... A gente morava aqui nas Pedrinhas, e estudava na Maria da Conceição, lá perto do José Sá Nunes, lá no Iracema. E tinha um horário, né? A gente tinha horário de brincar, e onze horas tinha que tá todo mundo em casa pra tomar banho e pra ir pra escola. Esse dia eu intesti brincando no campo, que hoje é aonde vai fazer a escola, tá fazendo a escola, e o CRAS. E lá tinha um, um, uns barrancos, que a gente usava

aquelas garrafa pet ou papelão pra ficar escorregando. Era nossa escorregadeira. Ali rasgava roupa, sujava roupa, fazia tudo. E eu acabei perdendo o tempo. Fiquei ali brincando, os meninos foram embora... E pegando polga. Polga é tipo uma abelha que ela... A gente fazia as caixinha, as gaiolinha de quiabento e aquelas pasta, fazia as gaiolinha e botava as polga ali. E acabei que eu fiquei brincando, intrestido com outros colega brincando, ela foi. Porque ela fazia assim: ela levava nós na escola no horário de uma hora porque era longe, e ela já tava de idade, e ficava com o porteiro sentado batendo papo até a hora que a gente saía, quatro e meia da escola. E nesse dia ela foi e falou com o vigia: “Eu vim trazer os meninos e volto pra trazer Laiz. Na hora que ela chegar eu trago ela”. E realmente eu cheguei achando que... nós morava aqui no Beco... que eu não ia pra escola porque já era quase duas horas. “Vó não vai me levar”. Chegou lá eu – “Oh Vó, tô com fome” – “Tá, minha fia? Mas não vai almoçar não. Pega a sua mochila”. Pegou minha mochila, e me levou pra escola suja de terra, o cabelo. E quando eu cheguei que os menino ficou tudo “oh lá a cor!”, todo mundo... desse dia eu aprendi... o horário de... era onze horas. Dez e meia eu já táva em casa tomada banho e arrumada pra ir pra escola, porque ela fazia umas trança, umas trançona grossa assim oh, nos cabelo nosso passava... que antigamente era aquela *risadas* banha de galinha, a banha de galinha nos cabelo, era o creme que nós tinha. Era e... era o creme. Né?

Laiz: E ela pegava de noite e ia trançano esses cabelo que era uns cabelo bom minha fia... E trançava esses cabelo aquelas trançona grossa. E ali nós táva abalando, né? Pra ir pra qualquer lugar, pra ir pra uma festa pro que seja era aquela trança. Né? Que era... e Vó Dôla assim foi não só pra mim, né? Mas todos, todos os netos, né? E bisnetos de Vó Dôla vão dizer a mesma coisa. Foi a mãe da mãe, né? Aquela vó que a mãe não podia reclamar, aquela mãe que avó não, que aquela vó que a mãe não podia bater. Ela corrigia da maneira dela, ela colocava de castigo, agora ela não aceitava que as nossas mãe corrigisse, num podia corrigir não porque ela não gostava não deixava. E Vó Dôla era... Vó Dôla faleceu dia 29 do 5 de 2006 né. Foi assim um período muito triste, né? Vó Dôla doeu. É... minha mãe tinha que fazer uma cirurgia, Vó Dôla passou mal, e do hospital minha mãe viu Vó Dôla, e ela ligou, falou: “Oh Laiz...”. Eu falei: “não, vó tá bem”. Só que Vó tinha caído, desmaiado no quintal. E ela viu, Ela disse que ela, ela viu, vó caída. Aí eu cheguei no hospital “não mainha, vó tá ótima”, E cheguei lá já táva uma confusão que ela falou que o médico ia dar alta ela na segunda. Falou: “não, vou embora hoje”. Isso foi uma sexta-feira. A médica: “Só dou se você assinar”. Ela falou: “Eu assino”. Quando ela chegou, vó tava bem amarela. E ela, como ela trabalhava na área de saúde, ela conheceu que vó não estava bem. Falou assim: “mãe tá com pancreatite”. Porque os olhos, a cabeça... foi muito rápido a doença de Vó. Aí... “Laiz, vai”. Eu falei: “oh mainha, mas amanhã é sábado”. Foi na, no período que o SUS tava em greve aqui em Conquista, que não tava tendo atendimento. A gente teve que pagar uma consulta particular no UNIMEC pra poder... O médico falou: “não, dona Maria tem que ser internada”. Não conseguiu internar, voltamos pra casa. Na segunda-feira retornamos eu e Ângela, que também já faleceu... Foi eu e a Ângela levar ela no hospital. Ela, ela teve uma parada cardíaca no momento. E o

médico conseguiu reanimar ela, ela votou em si, né? E foi quando descobriu que ela estava com câncer no pâncreas.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Foi menos de um mês entre a descoberta do câncer e o falecimento de Vó Dôla. Um período que se tornou ainda mais difícil para a família depois de todos saberem que o quadro da doença era irreversível. E foi por isso que o médico responsável pelo seu caso lhe deu alta, possibilitando que a matriarca passasse os últimos dias de vida em casa, perto de todos que ela tanto amava.

[ENTREVISTA - LAIZ]

A gente tinha confusão no hospital quando... no período que vó ficou internada. Porque assim é uma, duas pessoas por paciente. De vó tinha hora que chegava quinze, vinte pessoas. E o povo queria entrar todo mundo e a enfermaria que tinha cinco, seis leitos. Não tinha condições, né? Então, a gente começou organizando, os... os turnos de visita. Eles tiveram que abrir mais turno, porque assim era só a tarde a visita, que tiveram que abrir mais períodos pra conseguir visitar vó, né, que o pessoal tava numa confusão, né os familiares de vó, aí conseguimos. Aí vó veio pra casa. Vó faleceu numa... de domingo pra segunda. A gente passou a noite com ela, ela mal, mal, mal, aí quando foi cinco horas da manhã, meu... Ela pediu né, meu tio também faleceu agora recente, que era o genro dela, que mandasse mainha e nós ir descansar, porque ela ia descansar naquele momento. **Kota:** Foi, só tava eu. **Laiz:** Foi, tu e Tio Paulo. **Kota:** Eu só e... **Laiz:** Eu sei que mandou a gente ir dormir, que ela ia descansar. E nós achou que ela ia descansar, descansar porque ela tinha sofrido a noite todinha de dor. Quando foi cinco e pouca da manhã, o pessoal começou chamando que tinha falecido lá dentro de casa. Vó Dôla foi é... o velório foi na... o dia todo, né, na segunda, à noite, enterramos ela na terça-feira, é... no dia trinta, cinco horas da tarde. Parou a, o bairro Pedrinhas, né, esse esse velório de Vó Dôla. Parou bairro de Pedrinhas, porque assim, a maioria das pessoas das Pedrinhas ou chama Vó Dôla, ou Mãe Dôla, ou porque ela fez um purgante, ou porque ela fez um benzimento, ou porque ela levantou uma espinhela ou qualquer coisa... Fez um parto né? Qualquer coisa Vó Dôla fez aqui de alguém aqui das Pedrinhas. Então ela... é uma figura que foi muito... que é e foi muito conhecida, né, dentro da comunidade, das Pedrinhas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Em janeiro de 2024, após um longo processo burocrático que teve início em 2021 e contou com o apoio da Prefeitura, a Comunidade de Vó Dôla conquistou, junto à Fundação Palmares, sua certificação como primeiro quilombo urbano de Vitória da Conquista. Um quilombo vivo em meio às pedras que honra e celebra, dia após dia, a sua identidade ancestral, bem como a luta e a memória da sua matriarca e de

todas as outras mulheres negras que ajudaram a construir essa nossa cidade que está longe de ser uma "Suíça Baiana".

[ENTREVISTA - LAIZ]

Esse reconhecimento é uma prova e também eu acho que é um, uma dívida que o Estado, o país tem com o povo de Vó Dôla. Esse povo que assim... A gente vê mulheres hoje igual Tia Zita, igual vó, que trabalharam tanto mas nunca teve o seu reconhecimento. Nunca trabalharam com a carteira assinada. São mulheres que hoje recebem um BPC, né? Que a gente sabe que é uma ajuda do governo, mas mulheres que trabalharam mais do que pessoas que têm uma carteira assinada e não teve esse devido reconhecimento, né? Eu acho que é uma, uma maneira também de justiça. O nome certo é justiça ao povo de Vó Dôla. **Afonso:** E pra você hoje o que significa se afirmar e se... enquanto quilombola né? **Laiz:** É... resistência, né? Sempre. É mostrar que a gente sempre resistiu que a gente... estamos aqui há mais de oito décadas, né? Então, assim, a gente sempre teve aqui resistindo, né? E a gente continua resistindo e vamos continuar sempre levando o legado de Vó Dôla e das nossas mais velhas como resistência sempre. Sempre teimaram a nos calar, né, mas a gente teima a viver. Sempre.

[TRILHA - VINHETA DE ENCERRAMENTO]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

AFONSO: O Fatos & Vozes é uma produção original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. Para a realização da série "Conquista de Quilombos", contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Eu sou Afonso Ribas e, além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação deste podcast ao lado da minha colega de reportagem, Karina Costa. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi a Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora tema é do Gabriel Falcão. As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito.

AFONSO: Neste episódio, você ouviu músicas do álbum "General Marinheiro", do grupo Vozes do Beco, e áudios do canal Betão e Banda Oficial, do Blog do Anderson e da rádio UP FM. **KARINA:** Por fim, deixamos nosso agradecimento mais do que especial a todas as pessoas que entrevistamos para esta série, aos que colaboraram com a produção dessa temporada e, claro, a você que nos acompanhou até aqui! Muito obrigado! **AFONSO:** Um grande abraço e até a próxima!